

Jorge Pelicano O interior, de Novo



O dia 24 de Outubro de 2009 certamente que perdurará por muito tempo na memória de Jorge Pelicano. Ao final da tarde esteve presente na cerimónia de encerramento do DocLisboa, onde, na Competição Portuguesa, recebeu os galardões de melhor Longa-Metragem e Melhor Montagem e o Prémio IPJ Escolas. De seguida deslocou-se para Seia, onde o CineEco lhe atribuiu as três principais distinções do certame de 2009 – Grande Prémio do Ambiente (Campânula de Ouro), atribuído pelo Júri Internacional, Grande Prémio da Lusofonia e Prémio Especial da Juventude. A obra responsável por esta chuva de prémios chama-se *Pare, Escute, Olhe e reflecte sobre o isolamento a que tem vindo a ser votada a região de Trás-os-Montes tendo como ponto de partida a desactivação da Linha do Tua*. Conseguirá o novo documentário repetir o impacto verificado há três anos com *Ainda Há Pastores?* (também distinguido no CineEco como melhor produção lusófona). A questão não parece preocupar Jorge Pelicano, que acedeu a responder a algumas questões que lhe foram colocadas pelo S21. Quanto ao público, poderá começar a seguir a carreira de *Pare, Escute, Olhe* já a partir do próximo dia 12, data em que o filme regressará ao Cine-Teatro de Seia.

O seu primeiro documentário foi um fenómeno mediático e recebeu perto de uma dezena de galardões em todo o mundo. *Pare, Escute e Olhe* arrebanhou seis prémios no espaço de poucas horas. A carreira desta nova obra poderá ser semelhante à de *Ainda Há Pastores?*

Os prémios são o reconhecimento do nosso trabalho. Mas o mais importante é que a sociedade civil reflecta sobre o que se está a passar em Trás-os-Montes e no Tua e se une para salvar aquele património. A

identidade única daquele povo e daquela região.

O que é que faz com que os seus documentários impressionem tanto quem os vê? A técnica, a mensagem, a temática...? O que é que o distingue como realizador?

Só os outros podem dizer... Para mim o documentário é a forma mais profunda de se abordar uma realidade, tem outro tempo, outra envolvência diferente das reportagens que faço para a SIC. Geralmente só tenho duas semanas para a fazer, enquanto que *Pare, Escute, Olhe*, demorou dois anos e meio.

Portugal tem imensos temas para retratar. Gosto muito do interior do país, talvez por ter nascido e vivido no litoral. Vivo intensamente os trabalhos, talvez seja isso que melhor me caracteriza.

O seu primeiro documentário vivia muito de uma personagem, um "actor" que de certa forma rebocou a narrativa. Sentiu-se tentado a repetir a mesma fórmula?

Cada trabalho é um trabalho. A estrutura narrativa constrói-se de acordo com cada realidade. Embora estivesse também a retratar a interioridade e o despovoamento,



aqui estamos a falar numa área geográfica de 133km e muitos mais intervenientes.

Tem dito que o principal objectivo do seu novo filme é ajudar à reabertura da Linha do Tua. Julga que o cinema deve ser militante? Sente-se como um paladino de uma causa?

Não há fórmulas certas para se trabalhar em documentário. Aos poucos fui-me envolvendo, sempre achei que estava a trabalhar numa causa, estava a dar voz a todos aqueles que normalmente a não têm. E isso é bastante motivador. Penso que consegui pôr as pessoas a reflectir, a parar, escutar e olhar.

O documentário por si só não vai conseguir, acho que têm que ser todos juntos a lutar para que isso não aconteça, todos temos que reflectir. E quando digo todos, são também aqueles que decidiram fazer aquela barragem e vão fazer submergir aquele património que é a linha do Tua e o vale. Aquele património não é só das pessoas que vivem lá, é de todos os portugueses, e acho que se há alternativas para buscar outras energias, temos que ir por essas alternativas, porque o progresso não é só destruição.

Com o *Ainda Há Pastores?* focou o olhar sobre a Serra da Estrela. Agora virou-se para Trás-os-Montes... Nasceu no litoral e julgo que decorreu aí o seu processo de crescimento como pessoa. O que é que o levou a interessar-se tanto pelos problemas do interior do país?

Queria falar de despovoamento. Percorrer as linhas ferroviárias que têm sido encerradas nestes últimos 20 anos é falar de despovoamento. Quando se encerra significa que já não há gente para o comboio transportar. Depois o anúncio da construção da barragem de Foz-Tua e os quatro acidentes na Linha do Tua obrigaram-nos a documentar apenas esta linha.

Há três anos viu o "Pastores" ser recusado pelo DocLisboa. Agora foi seleccionado e levou todos os principais prémios da competição nacional. Também gosta de servir a vingança como um prato frio?

Não vamos falar nem gosto de vingança. Há três anos fui recusado no DocLisboa porque na altura não tinha currículo, nem produtor.

Ganhar três prémios foi uma surpresa e deixam-me extremamente satisfeito, mas também muito feliz por aquela realidade ter tocado nas pessoas. Fiquei feliz também por ter voltado ao CineEco, o primeiro festival em que participei e lançou *Ainda há pastores?*, e voltar a ver o meu trabalho reconhecido.

Artur Abreu

O regresso de Saramago(r)go

da hipocrisia, da estupidez e da inveja costumeiras.

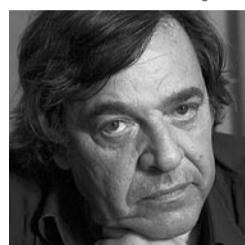
Saramago voltou a editar um livro. Saramago, do alto da liberdade dos seus quase 87 anos, voltou a meter-se com Deus. E com a Bíblia. E, valha-nos Deus, nem é preciso ter fé para acreditar que "isto" ia dar confusão. Saramago, depois de uma Viagem montado num pachorrento, e até ternurento, Elefante, muito associada ao susto de morte que apanhou, voltou ao "dantes" para dar vida a Caim e ao seu velho conflito com a Igreja e com muitos daqueles que assinam a opinião publicada.

O escritor questiona-se sobre qual a razão porque desperta tanta indignação e antipatia. Enfim, Saramago poderá ser muitas coisas, mas nunca será santo. E sabe que se põe a jeito. Afirmar que "o Deus da Bíblia não é de se confiar, é má pessoa e vingativo" e, para o caso de existirem dúvidas, acrescentar que "a Bíblia é um manual de maus costumes, um catálogo de crueldade e do pior da natureza humana", não é discurso que gera muito consenso, muitos aplausos ou muitos amigos.

A legião nacional de comentadores, desde Miguel Sousa Tavares a Marcelo Rebelo de Sousa, Domingos Amaral e até Frei Bento Domingues, denunciou Saramago como especialista de marketing e vendas. A acusação é demasiado óbvia e simplista, muito no registo de comentário de café. Sabia a pouco, ficar por aqui! Saramago desde há muito que vende bem.

Ora, todos sabemos que nos últimos tempos, em Portugal, tem vindo a impor-se entre os comentadores (e não só) uma espécie de competição da violência sem limites, mormente quando está em causa o ataque pessoal e o destruir o outro. Saramago provou o impiedoso bastão de Vasco Pujido Valente: "São ideias de trolha ou de tipógrafo semianalfabeto". Valente, imparável, acrescentou que "Saramago está mesmo entre as pessoas que nenhum indivíduo inteligente em princípio ouve". Nesta competição de "quanto mais bato, melhor comentador sou", Alberto Gonçalves, que é conhecido por bater sem dó nem piedade,

chama Saramago "ignorante" e diz que "a boçalidade coexiste bem com a manha empresarial", classificando de "irrelevâncias e disparates" as declarações de Saramago. Outros, menos famosos, falarão "de acentuada senilidade e ódio de foro psiquiátrico". Também não justifica a fama um desconhecido deputado do PSD no parlamento europeu, que procurou os seus 15 minutos de esplendor ao firmar sobre Saramago que tem "vergonha de o ter como compatriota" e pedindo ao habi-



tante de Lanzarote para renunciar à sua nacionalidade – uma cópia de Sousa Lara que, por definição, é sempre pior que o original.

Deus, na sua infinita bondade, perdoará tanta estupidez.

Quando o palco se transforma num ringue e cheira a chinfrim que até pode dar sangue, é coisa

Apesar do tamanho do ruído, apesar do elevado número de protagonistas, a velha e sempre lusa inveja não consegue deixar de aparecer. Saramago é um Português com sucesso no mundo e isso para muitos portugueses, em vez de provocar orgulho, provoca ira. Não faltam casos recentes de portugueses com sucesso no estrangeiro mal-amados na sua pátria, com especial destaque para os patriotas que escrevem nos jornais: desde Amália, passando por Figo, Mourinho e Ronaldo,



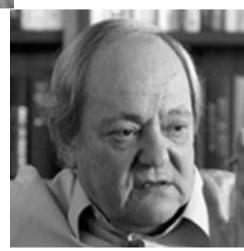
e até mesmo Mariza!

José Saramago escreveu livros que são considerados por muitos e em muitos lugares como obra-primas e por isso vende milhares de cópias em quase todo o mundo. Saramago é prémio Nobel. Muitos, por cá, não lhe perdoaram ter sido publicamente imortalizado



certa que "o circo" não pode parar: entrevistas especiais e debates em prime-time televisivo, capas de jornais e muito frenesim na blogosfera, mais um espeço onde não há limites para o que quer que seja e muito menos para a impunidade, onde o escritor e os da Igreja lá foram defendendo as suas ideias com Saramago, num gesto pouco inocente de humildade, a reconhecer que ao ter chamado "filho-da puta" a Deus se tinha "excedido".

pela academia sueca. Pulido Valente, nos seus comentários, não conseguiu esconder o seu lado "tuga": "claro que Saramago ganhou o prémio Nobel, como vários camaradas que não valiam nada" e deixou contente "a saloieira portuguesa que delirou com a façanha". Alberto Gonçalves também deixou escapar o seu incômodo ao escrever que Saramago não merece uma reacção de gente civilizada "por muito que o Nobel lhe dilate o ego". E



mesmo Sousa Tavares, embora mais contido, não deixou de referir que Saramago, depois do Nobel, "é vaidade".

Quase nunca ganhamos nada, quase nunca somos melhores em nada, mas quando um dos nossos chega lá, reagimos assim. Somos assim. Dói, mas somos assim há tanto tempo....

Numa daquelas coincidências em que a vida é fertil, António Lobo Antunes, que como não podia deixar de ser não gosta de Saramago e diz "que não existe", editou, igualmente, o seu novo livro. Lobo Antunes, que muitos, entre os quais os da opinião publicada, dizem gostar, embora sejam menos os que compram os seus livros, muito menos os que o leem e ainda menos os que o entendem, conseguiu que o país lhe atribuisse o estatuto do "injustiçado e coitadinho" que merecia o Nobel mas... não lho dão! Nós, portugueses cantores do triste fado, somos muito bons neste estado de (des)graça, que muitas vezes nos empurra para uma das nossas palavras mágicas: solidariedade.

Bem, convenhamos que não é uma solidariedade muito saudável! O drama não é o Lobo Antunes não ter recebido o Nobel, o drama é Saramago ter recebido o Nobel. Isto é, a felicidade era zero Nobel. Ambicionar dois prémios Nobel da literatura? Para quê? Os Portugueses não são felizes com o sucesso.

Lobo Antunes, que tal como Saramago também não é santo, que tal como Saramago – mais uma coincidência – também "fintou" a morte recentemente, na sua coleção de capas e entrevistas diárias, que às vezes chegam a ser capas e entrevistas por dia, declarou que se aproximou de Deus.

A ternura do autor *Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?* descobriu agora "que a maior parte das pessoas são melhores do que eu", comovendo a humilde humanidade lusitana que não evitou uma sofrida lágrima no canto do olho.

Interesseiros. Todos.

Vitor Neves

Amália Pop Hoje

Deixei de comprar discos há demasiado tempo – quando os vinis deram lugar aos CDs. E perdi, por isso, o magnífico (porque regenerador) hábito quotidiano de ouvir e fruir de boa música, como perdi também o costume de assistir a espectáculos musicais ao vivo. Contudo, há convites irrecusáveis. Numa bela tarde de Setembro, a nossa querida amiga Rita chegou a minha casa muito entusiasmada e munida de um amabilíssimo ultimato: acabara de resgatar cinco bilhetes para o então já esgotado primeiro concerto nacional que o projecto *Amália Hoje* iria dar no Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz, no dia 1 de Outubro, e exigia que a Lúcia e eu partilhássemos este seu programa com ela, o Hélder (evidentemente) e o Paulo. Fomos e gostámos – da companhia e do concerto.

Não pretendo nem posso participar no debate dos críticos musicais encartados que analisaram este arrojadíssimo projecto. Apenas escrevo o que vi, ouvi e senti. E vi, ouvi e senti que o grupo *Amália Hoje* deu, assumidamente, às clássicas canções de fado interpretadas pela imortal diva lusitana um tom festivaleiro (a palavra não tem aqui um sentido depreciativo) pop anos 70 ritmado por uma cadência electrónica e uma densa orquestração, onde não é já perceptível distinguir qualquer indício do seu estilo musical original. Refira-se que em nenhum momento se escuta o mais ténue acorde da guitarra portuguesa. Com efeito, ao ouvir as músicas que



iam desfilando – «O Grito», o retumbante sucesso «Gaivota», «Formiga Bossa Nova», «Nome de Rua», «Medo», «Fado Português», «Abandono», «Foi Deus», «L'important C'est la Rose», trova eterna de Gilbert Bécaud que Amália um dia também cantou, e «Rasca o Passado» – recordei com agrado os festivais da Eurovisão da Canção da época de 70 do século passado, quando as famílias portuguesas se reuniam ao serão, numa espécie de ritual sagrado anualmente renovado, em redor da dita «caixinha mágica», para «ouver» (no início, ainda a preto e branco) a Tonicha (1971), o Fernando Tordo (1973), o Paulo de Carvalho (1974), a Manuela Bravo (1979) e o José Cid (1980) interpretarem melodiosas e míticas canções que hoje fazem ainda parte do imaginário da gente da minha geração. Deste espectáculo con-

temporâneo ocorrido na Figueira da Foz, onde se viam várias famílias de pais e filhos, recordo hoje o belo acompanhamento dos *Amália Hoje* por um harmonioso coro constituído por sete ou oito vozes e pela competente orquestra sinfónica nacional da República Checa que, no entanto, se sobreponha às vozes dos três cantores, Sónia Tavares (*The Gift*), Paulo Praça (*Plaza*) e Fernando Ribeiro (*Moonspell*) – problema que julgo ser sobretudo imputado às imperfeitas condições acústicas da sala. Lembro hoje, a ligar e a contextualizar as sucessivas canções, os diálogos desprevensos, bem-humorados e intimistas mantidos entre os quatro membros do grupo, sempre coordenados pela voz melada do Nuno Gonçalves (*The Gift*), sem dúvida o grande comunicador do grupo e o mentor do projecto. Repetia ele, a certa altura, «uma vez estava em Madrid sem nada para fazer quando resolvi pesquisar na internet...». Ao que a Sónia Tavares replicou: «quem te estiver a ouvir deve pensar que tu não trabalhas e passas a vida na internet». Não esqueço hoje o momento que foi para mim o mais alto da noite: a belíssima versão original em tom intimista de uma canção inédita da Amália resgatada do esquecimento, chamada «Solidade», onde a voz vigorosa e androgina da Sónia Tavares foi soberbamente acompanhada pelo piano do Nuno Gonçalves e pela guitarra acústica de outro músico da banda, canção essa que depois evoluiu para um clímax imponente modelado pelos já referidos coro e orquestra. Recordo hoje a graciosa presen-

ça em palco de Paulo Praça que nos demonstra que cantar é também a arte de representar. E, por fim, seria injusto terminar esta prosa sem evocar hoje o jovem e ilustre desconhecido músico que assegurou a primeira parte do espectáculo. Refiro-me ao David Santos, cuja simplicidade, qualidade melódica e originalidade da sua música quase minimal (onde o seu lúgubre brado debitado em língua inglesa pairava sobre uma guitarra acústica, um xilofone e uma melódica que emitiam sons perpetuamente repetitivos) importa destacar, como também interessa evidenciar a sua jovem prima e artista gráfica, a qual ia desenhando com uma simples caneta preta, num traço figurativo *naif* plasmado sobre uma folha de papel digital projectada numa tela disposta por detrás do cantor, os sentimentos e emoções acabados de sair das suas canções.

Gostei do espectáculo. O projecto *Amália Hoje* é interessante, relaxante, provido de uma originalidade revivalista e descaradamente pop, ainda que porventura demasiado audacioso. Talvez por isso regressei a casa com uma dúvida, quiçá injusta, a ecoar no meu espírito: será que a fadista Amália, falecida há dez anos, teria gostado desta homenagem? Suspeito que a resposta a tal questão é hoje tão controversa quanto impossível de augurar.

Obrigado Rita, por nos teres proporcionado, a mim e à Lúcia, este belo momento. Pela minha parte clam: *encore!*

Luís Filipe Torgal

O último Radialista



- Olá Peel!...

Havia quem, por gracejo, dissesse que John Peel era “o António Sérgio inglês”. Se tal só poderia ser dito por anedota – Peel era onze anos mais velho e tinha como palco as Ilhas Britânicas, centro mundial da música pop – também é certo que já há muitos anos que António Sérgio não precisava de qualquer comparação para fazer valer o seu trabalho. Era o principal divulgador de música nova em Portugal, realizador de alguns dos programas mais emblemáticos que a rádio nacional conheceu, responsável maior pela formação musical de milhares de melómanos.

Com o *Rotação* (1977-80, Rádio Renascença) divulgou os primeiros nomes do rock português e “pescou” os Xutos & Pontapés, a quem produziu o primeiro disco, 1978-82, gravado pela sua própria editora, a Rossil; com o *Rolls Rock* (1980-82, Rádio Comercial) estreou-se na rádio onde viveu mais tempo; com o *Som da Frente* (1982-93, Rádio Comercial) levou às ondas hertzianas o som de centenas de bandas que desbravavam caminhos e inauguravam paradigmas pelo mundo, numa altura em que o conceito de “música alternativa” ainda fazia sentido; com o *Grande Delta* (1993-97, XFM) ocupou um espaço natural na rádio mais vanguardista e arriscada que o país conheceu (os The Sound Destructors, de Oliveira do Hospital, chegaram a rodar por lá); com *A Hora do Lobo* (1997-2007, Rádio Comercial) regressou à casa onde fora feliz para chocar pela primeira vez com a realidade do fim dos radialistas e da rádio formatada – o programa foi cancelado por ter deixado de se enquadrar na grelha da estação; com *Viriato 25*

(2007-09, Radar FM) prosseguiu a sua missão de sempre – divulgar novas músicas e novos músicos, sempre tendo como pano de fundo uma intuição e um bom gosto inimitáveis e uma capacidade de pesquisa incansável.

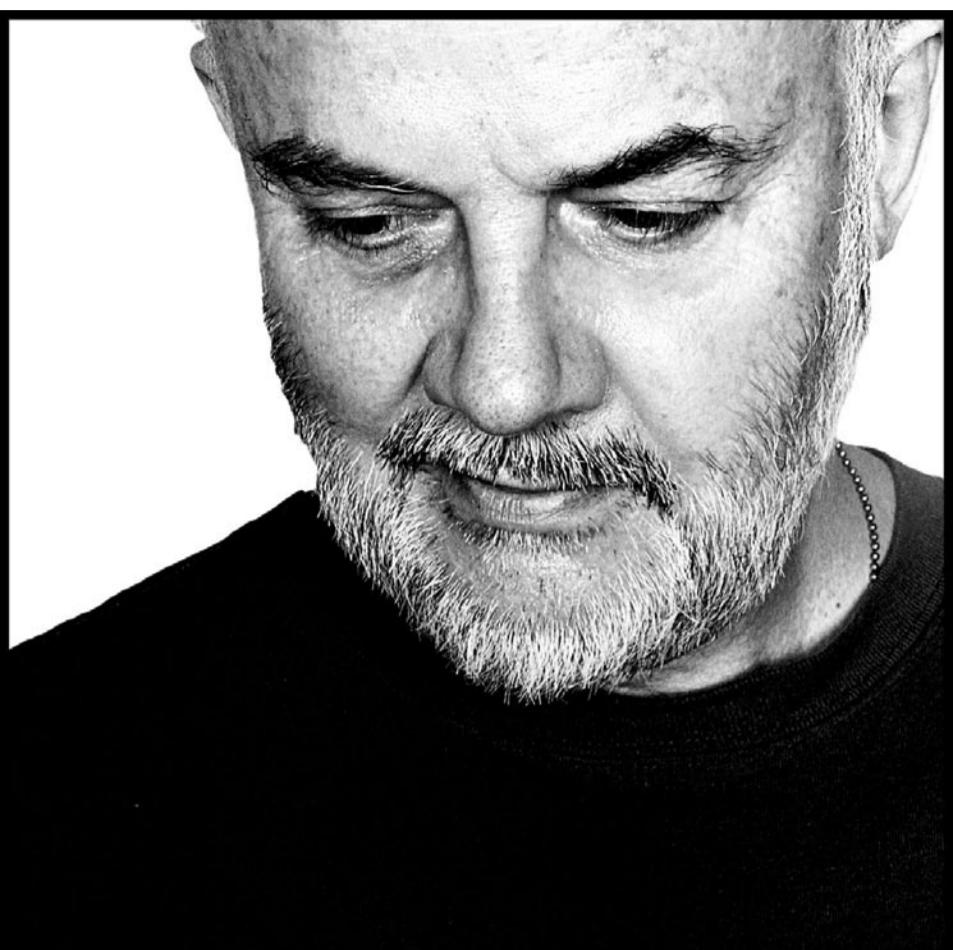
António Sérgio representava o radialista-autor, anterior ao império das *play-lists* – aquele que escolhe cuidadosamente as músicas que vai passar e imprime uma marca inconfundível aos seus programas. Zé Pedro chamou-lhe “um mestre da rádio e do conhecimento musical”, Álvaro Covões considerou-o “o último grande radialista vivo” e acrescentou: “se Portugal tem bom gosto, e por isso é que temos público que gosta de música alternativa, deve muito a ele”.

A carreira de muitos músicos portugueses foi apadrinhada por Sérgio – Rodrigo Leão recordou que foi com ele que fez a sua primeira entrevista; Zé Pedro confessou que era a única pessoa a quem os Xutos recorriam antes de gravar um disco, para “pedir conselhos ou opinião” sobre o seu trabalho; Adolfo Luxúria Canibal destacou o facto dos Mão Morta sempre lhe terem dado a conhecer os seus trabalhos em primeira mão.

Pouco antes da sua morte (a 1 de Novembro último, de ataque cardíaco), António Sérgio gravou em estúdio mais uma edição de *Viriato 25*, o programa da Rádio Radar que iria para o ar no início desta semana. Luís Montez, um dos proprietários da emissora, manteve a programação e o radialista despediu-se na noite de 2 de Novembro – foi o último uivo do lobo, o derradeiro mergulho no Grande Delta, a noite em que deixou de se rock'n'rollar.

Artur Abreu

O Legado de John Peel



- Hello Sérgio! Welcome...

SFPS001 *New Order*; SFPS002 *The Damned*; SFPS003 *The Screaming Blue Messiahs*; SFPS004 *Stiff Little Fingers*; SFPS005 *Sudden Sway*; SFPS006 *The Wild Swans*; SFPS007 *Madness*; SFPS008 *Gang of Four*; SFPS009 *The Wedding Present*; SFPS010 *Twa Toots*; SFPS011 *The Ruts*; SFPS012 *Siouxsie & the Banshees*; SFPS013 *Joy Division*; SFPS014 *The Primevals*; SFPS015 *June Tabor*; SFPS016 *The Undertones*; SFPS017 *Xmal Deutschland*; SFPS018 *The Specials*; SFPS019 *Stump*; SFPS020 *The Birthday Party*; SFPS021 *The Slits*; SFPS022 *Spizz Oil*; SFPS023 *The June Brides*; SFPS024 *Culture*; SFPS025 *The Prefects*; SFPS026 *Yeah Yeah Noh*; SFPS027 *Billy Bragg*; SFPS028 *The Fall*; SFPS029 *Girls at Our Best!*; SFPS030 *The Redskins*; SFPS031 *T.Rex*; SFPS032 *Tubeway Army*; SFPS033 *Joy Division*; SFPS034 *The Adverts*; SFPS035 *The Mighty Wah*; SFPS036 *The Triffids*; SFPS037 *Robert Wyatt*; SFPS038 *That Petrol Emotion*; SFPS039 *New Order*; SFPS040 *The Damned*; SFPS041 *Wire*; SFPS042 *Electro Hippies*; SFPS043 *Syd Barrett*; SFPS044 *Buzzcocks*; SFPS045 *Cud*; SFPS046 *The Very Things*; SFPS047 *Ultravox*; SFPS048 *Extreme Noise Terror*; SFPS049 *Napalm Death*; SFPS050 *The Cure*; SFPS051 *The Bonzo Dog Band*; SFPS052 *The Nightingales*; SFPS053 *Intense Degree*; SFPS054 *Stupids*; SFPS055 *The Smiths*; SFPS056 *Bolt Thrower*; SFPS057 *Half Man Half Biscuit*; SFPS058 *The Birthday Party*; SFPS059 *Lindisfarne*; SFPS060 *Echo & the Bunnymen*; SFPS061 *Family*; SFPS062 *The Room*; SFPS063 *Eton Crop*; SFPS064 *Nico*; SFPS065 *The Jimi Hendrix Experience*; SFPS066 *Siouxsie & the Banshees*; SFPS067 *Amayenge*; SFPS068 *Ivor Cutler*; SFPS069 *Unseen Terror*; SFPS073 *Carcass*.

Compilações SFRLP100 *The Sampler*
SFRLP101 *Hardcore Holocaust* SFRCD119
Too Pure (Th' Faith Healers, Stereolab, PJ

Harvey) SFRLP200 *21 Years Of Alternative Radio 1* SFRLP111 *Joy Division*

Outros SFRSCD016 or SFRSCD079 - *Tom Paxton Live In Concert* (recorded in London, England in 1971 and 1972, released 1998) SFRSCD035 - *Melanie - On Air* [taken from November 75 concert, with added sessions from 1969 & 1989] SFRSCD082 - *Inspiral Carpets* (1999) SFRSCD094 - *Joy Division* (2000) SFNT015 - *Icicle Works*

Estes foram os registos editados pela Strange Fruit Records, de entre as centenas de bandas convidadas para gravar uma sessão das John Peel Sessions da BBC Rádio 1. Algumas uma única vez... mas houve quem o fizesse 27 vezes (!). Todas tinham algo de novo para mostrar ao mundo. John Peel apercebía-se disso enquanto a novidade era novidade, sem hype, sem marketing. A certa altura, qualquer banda que ele citasse corria o risco de ser a next big thing. Nem todas o foram, mas o homem funcionava como um selo de qualidade garantida.

John Peel morreu há 5 anos. A ele e a todos os outros Anjos de Vanguarda que, em rádios piratas ou não, sem patrocínios de organizadores de eventos, editoras, refrigerantes ou champôs, mostravam ao mundo aquilo que achavam que merecia ser ouvido, o meu muito obrigado.

Nuno Santos

f
RASE REAL

- Como é que se dança bem um samba?
- Sem nada na cabeça.

Seu Jorge, em resposta a Carlos Vaz Marques, no programa Pessoal e Transmissível, na TSF.

3 PISTAS

LETTRAS

Acorda
Tristeza



Desde 1998, ano da edição portuguesa de *Pela Estrada Fora*, de Jack Kerouac (a primeira foi em 1960, pela Ulisseia), que a Relógio D'Água tem vindo a desenvolver um excelente trabalho com a obra do seminal escritor norte-americano. Nestes últimos 10 anos foram lançados pela editora portuguesa 6 livros de Kerouac: *Pela Estrada Fora* (1998), *Big Sur* (1999), *Os Vagabundos do Dharma* (2000), *Os Subterrâneos* (2006), *Duluz, O Vaidoso* (2008) e o mais recente *Tristessa* (2009).

O interesse por este período e escola norte-americanas tem vindo a aumentar em terras lusas, consubstanciado nas várias edições encontradas nas livrarias, sendo William Burroughs e Jack Kerouac os mais presentes. Falta um olhar mais atento à obra poética de Allen Ginsberg, apesar da presença do incontornável *Uivo*, editado pela Quasi, em 2002.

Feito o prólogo, eis que nos deparamos com *Tristessa* nas prateleiras das livrarias portuguesas, a história de uma *junkie* mexicana por quem o narrador (Kerouac, o próprio e sempre) se apaixona, contando-nos, em discurso directo, rápido, com o ritmo jazzístico que o caracteriza, as aventuras e desventuras desta conturbada relação. *Tristessa* é uma história de paixão, mas é também uma história de morfina em quartos decadentes numa decadente Cidade do México, onde humanos habitam em anarca comum com galinhas e gatos, onde um chuto vale mais do que mil palavras, onde um chuto vale mais do que uma imagem que vale por mil palavras. *Tristessa* é o retrato frio, mas ao mesmo tempo terno, da decadência do consumo de drogas pesadas numa cidade à beira da ruptura. Mas é também, claro está, uma história de amor. Uma história de paixão por uma mulher (*Tristessa*) que aos poucos vai deixando de ser mulher, perdida que está num mar de vícios... Mas vício, vício é Kerouac, agora e sempre, com o prazer destemido e profundo de o ler. *Tristessa* é mais um capítulo. Um belo capítulo.

Luís Antero

Tristessa, Jack Kerouac, Relógio D'Água, 2009

SONS

Canções POP e
Gatos ao Borralho



pop de formato inglês; têm guitarras e lírica de fino recorte, inspirada pelos acontecimentos banais de um dia qualquer ou de todos os dias. Os Cats On Fire estão a marimbar-se para a estética conceptual dos seus discos, porque o que querem mesmo é conceber canções arrebatadoras, daquela (aparente) simplicidade belíssima a que os Smiths de Morrissey nos habituaram, o que conseguem, em abono da verdade, de forma exuberante e irrepreensível. Pronto, ok, confesso, estou apaixonado pela música dos Cats On Fire. Porque são bons músicos, porque me enchem a casa de nostalgia pop sem recorrer aos anos 80 ou 90 (se bem que devam mais às bandas de 80's do que de 90's), porque fazem uma pop moderna sem arriscarem muito (neste sentido deve haver muitos de vós que preferem o sentido de risco dos Dodos em *Visiter*) e não se dão nada mal com isso. No fundo, no meio de tudo isto, os Cats On Fire fazem canções, canções e mais canções sem grandes preocupações ou elaborações de ordem estética. Não é essa a onda deles. A onda deles é tocarem e cantarem para as nossas pernas e braços, para os nossos ouvidos, pois então, e para as nossas memórias do tempo do liceu em que beijávamos à pressa, envergonhadamente, atrás do pavilhão B, a rapariga dos nossos dias, enquanto o professor fan dos Pink Floyd aprova a coisa e nos deixava entrar na sala de aula já depois do último toque. Enfim, os Cats On Fire são bons para ter à lareira (quando chegar a altura de a acender), são bons para ouvir à chuva, ao sol, para levar para a praia ou para a Serra da Estrela, para enternecer ou extasiar, para dançar com a nossa amada, para recordar, porque recordar é viver e viver é um Sonho POP.

Luís Antero

Cats On Fire, *Our Temperance Movement*, 2009, Matinee



Vamos imediatamente ao que interessa: os Cats On Fire têm dois discos até ao momento, *The province Complains* (2007) e o mais recente, e alvo deste texto, *Our Temperance Movement*; estão interessados em construir canções pop perfeitas, daquelas de 3 minutos e alguns segundos; são finlandeses, mas constroem canções

pop de formato inglês; têm guitarras e lírica de fino recorte, inspirada pelos acontecimentos banais de um dia qualquer ou de todos os dias. Os Cats On Fire estão a marimbar-se para a estética conceptual dos seus discos, porque o que querem mesmo é conceber canções arrebatadoras, daquela (aparente) simplicidade belíssima a que os Smiths de Morrissey nos habituaram, o que conseguem, em abono da verdade, de forma exuberante e irrepreensível. Pronto, ok, confesso, estou apaixonado pela música dos Cats On Fire. Porque são bons músicos, porque me enchem a casa de nostalgia pop sem recorrer aos anos 80 ou 90 (se bem que devam mais às bandas de 80's do que de 90's), porque fazem uma pop moderna sem arriscarem muito (neste sentido deve haver muitos de vós que preferem o sentido de risco dos Dodos em *Visiter*) e não se dão nada mal com isso. No fundo, no meio de tudo isto, os Cats On Fire fazem canções, canções e mais canções sem grandes preocupações ou elaborações de ordem estética. Não é essa a onda deles. A onda deles é tocarem e cantarem para as nossas pernas e braços, para os nossos ouvidos, pois então, e para as nossas memórias do tempo do liceu em que beijávamos à pressa, envergonhadamente, atrás do pavilhão B, a rapariga dos nossos dias, enquanto o professor fan dos Pink Floyd aprova a coisa e nos deixava entrar na sala de aula já depois do último toque. Enfim, os Cats On Fire são bons para ter à lareira (quando chegar a altura de a acender), são bons para ouvir à chuva, ao sol, para levar para a praia ou para a Serra da Estrela, para enternecer ou extasiar, para dançar com a nossa amada, para recordar, porque recordar é viver e viver é um Sonho POP.

Vamos imediatamente ao que interessa: os Cats On Fire têm dois discos até ao momento, *The province Complains* (2007) e o mais recente, e alvo deste texto, *Our Temperance Movement*; estão interessados em construir canções pop perfeitas, daquelas de 3 minutos e alguns segundos; são finlandeses, mas constroem canções

pop de formato inglês; têm guitarras e lírica de fino recorte, inspirada pelos acontecimentos banais de um dia qualquer ou de todos os dias. Os Cats On Fire estão a marimbar-se para a estética conceptual dos seus discos, porque o que querem mesmo é conceber canções arrebatadoras, daquela (aparente) simplicidade belíssima a que os Smiths de Morrissey nos habituaram, o que conseguem, em abono da verdade, de forma exuberante e irrepreensível. Pronto, ok, confesso, estou apaixonado pela música dos Cats On Fire. Porque são bons músicos, porque me enchem a casa de nostalgia pop sem recorrer aos anos 80 ou 90 (se bem que devam mais às bandas de 80's do que de 90's), porque fazem uma pop moderna sem arriscarem muito (neste sentido deve haver muitos de vós que preferem o sentido de risco dos Dodos em *Visiter*) e não se dão nada mal com isso. No fundo, no meio de tudo isto, os Cats On Fire fazem canções, canções e mais canções sem grandes preocupações ou elaborações de ordem estética. Não é essa a onda deles. A onda deles é tocarem e cantarem para as nossas pernas e braços, para os nossos ouvidos, pois então, e para as nossas memórias do tempo do liceu em que beijávamos à pressa, envergonhadamente, atrás do pavilhão B, a rapariga dos nossos dias, enquanto o professor fan dos Pink Floyd aprova a coisa e nos deixava entrar na sala de aula já depois do último toque. Enfim, os Cats On Fire são bons para ter à lareira (quando chegar a altura de a acender), são bons para ouvir à chuva, ao sol, para levar para a praia ou para a Serra da Estrela, para enternecer ou extasiar, para dançar com a nossa amada, para recordar, porque recordar é viver e viver é um Sonho POP.

Vamos imediatamente ao que interessa: os Cats On Fire têm dois discos até ao momento, *The province Complains* (2007) e o mais recente, e alvo deste texto, *Our Temperance Movement*; estão interessados em construir canções pop perfeitas, daquelas de 3 minutos e alguns segundos; são finlandeses, mas constroem canções

pop de formato inglês; têm guitarras e lírica de fino recorte, inspirada pelos acontecimentos banais de um dia qualquer ou de todos os dias. Os Cats On Fire estão a marimbar-se para a estética conceptual dos seus discos, porque o que querem mesmo é conceber canções arrebatadoras, daquela (aparente) simplicidade belíssima a que os Smiths de Morrissey nos habituaram, o que conseguem, em abono da verdade, de forma exuberante e irrepreensível. Pronto, ok, confesso, estou apaixonado pela música dos Cats On Fire. Porque são bons músicos, porque me enchem a casa de nostalgia pop sem recorrer aos anos 80 ou 90 (se bem que devam mais às bandas de 80's do que de 90's), porque fazem uma pop moderna sem arriscarem muito (neste sentido deve haver muitos de vós que preferem o sentido de risco dos Dodos em *Visiter*) e não se dão nada mal com isso. No fundo, no meio de tudo isto, os Cats On Fire fazem canções, canções e mais canções sem grandes preocupações ou elaborações de ordem estética. Não é essa a onda deles. A onda deles é tocarem e cantarem para as nossas pernas e braços, para os nossos ouvidos, pois então, e para as nossas memórias do tempo do liceu em que beijávamos à pressa, envergonhadamente, atrás do pavilhão B, a rapariga dos nossos dias, enquanto o professor fan dos Pink Floyd aprova a coisa e nos deixava entrar na sala de aula já depois do último toque. Enfim, os Cats On Fire são bons para ter à lareira (quando chegar a altura de a acender), são bons para ouvir à chuva, ao sol, para levar para a praia ou para a Serra da Estrela, para enternecer ou extasiar, para dançar com a nossa amada, para recordar, porque recordar é viver e viver é um Sonho POP.

Vamos imediatamente ao que interessa: os Cats On Fire têm dois discos até ao momento, *The province Complains* (2007) e o mais recente, e alvo deste texto, *Our Temperance Movement*; estão interessados em construir canções pop perfeitas, daquelas de 3 minutos e alguns segundos; são finlandeses, mas constroem canções

pop de formato inglês; têm guitarras e lírica de fino recorte, inspirada pelos acontecimentos banais de um dia qualquer ou de todos os dias. Os Cats On Fire estão a marimbar-se para a estética conceptual dos seus discos, porque o que querem mesmo é conceber canções arrebatadoras, daquela (aparente) simplicidade belíssima a que os Smiths de Morrissey nos habituaram, o que conseguem, em abono da verdade, de forma exuberante e irrepreensível. Pronto, ok, confesso, estou apaixonado pela música dos Cats On Fire. Porque são bons músicos, porque me enchem a casa de nostalgia pop sem recorrer aos anos 80 ou 90 (se bem que devam mais às bandas de 80's do que de 90's), porque fazem uma pop moderna sem arriscarem muito (neste sentido deve haver muitos de vós que preferem o sentido de risco dos Dodos em *Visiter*) e não se dão nada mal com isso. No fundo, no meio de tudo isto, os Cats On Fire fazem canções, canções e mais canções sem grandes preocupações ou elaborações de ordem estética. Não é essa a onda deles. A onda deles é tocarem e cantarem para as nossas pernas e braços, para os nossos ouvidos, pois então, e para as nossas memórias do tempo do liceu em que beijávamos à pressa, envergonhadamente, atrás do pavilhão B, a rapariga dos nossos dias, enquanto o professor fan dos Pink Floyd aprova a coisa e nos deixava entrar na sala de aula já depois do último toque. Enfim, os Cats On Fire são bons para ter à lareira (quando chegar a altura de a acender), são bons para ouvir à chuva, ao sol, para levar para a praia ou para a Serra da Estrela, para enternecer ou extasiar, para dançar com a nossa amada, para recordar, porque recordar é viver e viver é um Sonho POP.

Vamos imediatamente ao que interessa: os Cats On Fire têm dois discos até ao momento, *The province Complains* (2007) e o mais recente, e alvo deste texto, *Our Temperance Movement*; estão interessados em construir canções pop perfeitas, daquelas de 3 minutos e alguns segundos; são finlandeses, mas constroem canções

pop de formato inglês; têm guitarras e lírica de fino recorte, inspirada pelos acontecimentos banais de um dia qualquer ou de todos os dias. Os Cats On Fire estão a marimbar-se para a estética conceptual dos seus discos, porque o que querem mesmo é conceber canções arrebatadoras, daquela (aparente) simplicidade belíssima a que os Smiths de Morrissey nos habituaram, o que conseguem, em abono da verdade, de forma exuberante e irrepreensível. Pronto, ok, confesso, estou apaixonado pela música dos Cats On Fire. Porque são bons músicos, porque me enchem a casa de nostalgia pop sem recorrer aos anos 80 ou 90 (se bem que devam mais às bandas de 80's do que de 90's), porque fazem uma pop moderna sem arriscarem muito (neste sentido deve haver muitos de vós que preferem o sentido de risco dos Dodos em *Visiter*) e não se dão nada mal com isso. No fundo, no meio de tudo isto, os Cats On Fire fazem canções, canções e mais canções sem grandes preocupações ou elaborações de ordem estética. Não é essa a onda deles. A onda deles é tocarem e cantarem para as nossas pernas e braços, para os nossos ouvidos, pois então, e para as nossas memórias do tempo do liceu em que beijávamos à pressa, envergonhadamente, atrás do pavilhão B, a rapariga dos nossos dias, enquanto o professor fan dos Pink Floyd aprova a coisa e nos deixava entrar na sala de aula já depois do último toque. Enfim, os Cats On Fire são bons para ter à lareira (quando chegar a altura de a acender), são bons para ouvir à chuva, ao sol, para levar para a praia ou para a Serra da Estrela, para enternecer ou extasiar, para dançar com a nossa amada, para recordar, porque recordar é viver e viver é um Sonho POP.

Vamos imediatamente ao que interessa: os Cats On Fire têm dois discos até ao momento, *The province Complains* (2007) e o mais recente, e alvo deste texto, *Our Temperance Movement*; estão interessados em construir canções pop perfeitas, daquelas de 3 minutos e alguns segundos; são finlandeses, mas constroem canções

pop de formato inglês; têm guitarras e lírica de fino recorte, inspirada pelos acontecimentos banais de um dia qualquer ou de todos os dias. Os Cats On Fire estão a marimbar-se para a estética conceptual dos seus discos, porque o que querem mesmo é conceber canções arrebatadoras, daquela (aparente) simplicidade belíssima a que os Smiths de Morrissey nos habituaram, o que conseguem, em abono da verdade, de forma exuberante e irrepreensível. Pronto, ok, confesso, estou apaixonado pela música dos Cats On Fire. Porque são bons músicos, porque me enchem a casa de nostalgia pop sem recorrer aos anos 80 ou 90 (se bem que devam mais às bandas de 80's do que de 90's), porque fazem uma pop moderna sem arriscarem muito (neste sentido deve haver muitos de vós que preferem o sentido de risco dos Dodos em *Visiter*) e não se dão nada mal com isso. No fundo, no meio de tudo isto, os Cats On Fire fazem canções, canções e mais canções sem grandes preocupações ou elaborações de ordem estética. Não é essa a onda deles. A onda deles é tocarem e cantarem para as nossas pernas e braços, para os nossos ouvidos, pois então, e para as nossas memórias do tempo do liceu em que beijávamos à pressa, envergonhadamente, atrás do pavilhão B, a rapariga dos nossos dias, enquanto o professor fan dos Pink Floyd aprova a coisa e nos deixava entrar na sala de aula já depois do último toque. Enfim, os Cats On Fire são bons para ter à lareira (quando chegar a altura de a acender), são bons para ouvir à chuva, ao sol, para levar para a praia ou para a Serra da Estrela, para enternecer ou extasiar, para dançar com a nossa amada, para recordar, porque recordar é viver e viver é um Sonho POP.

Vamos imediatamente ao que interessa: os Cats On Fire têm dois discos até ao momento, *The province Complains* (2007) e o mais recente, e alvo deste texto, *Our Temperance Movement*; estão interessados em construir canções pop perfeitas, daquelas de 3 minutos e alguns segundos; são finlandeses, mas constroem canções

pop de formato inglês; têm guitarras e lírica de fino recorte, inspirada pelos acontecimentos banais de um dia qualquer ou de todos os dias. Os Cats On Fire estão a marimbar-se para a estética conceptual dos seus discos, porque o que querem mesmo é conceber canções arrebatadoras, daquela (aparente) simplicidade belíssima a que os Smiths de Morrissey nos habituaram, o que conseguem, em abono da verdade, de forma exuberante e irrepreensível. Pronto, ok, confesso, estou apaixonado pela música dos Cats On Fire. Porque são bons músicos, porque me enchem a casa de nostalgia pop sem recorrer aos anos 80 ou 90 (se bem que devam mais às bandas de 80's do que de 90's), porque fazem uma pop moderna sem arriscarem muito (neste sentido deve haver muitos de vós que preferem o sentido de risco dos Dodos em *Visiter*) e não se dão nada mal com isso. No fundo, no meio de tudo isto, os Cats On Fire fazem canções, canções e mais canções sem grandes preocupações ou elaborações de ordem estética. Não é essa a onda deles. A onda deles é tocarem e cantarem para as nossas pernas e braços, para os nossos ouvidos, pois então, e para as nossas memórias do tempo do liceu em que beijávamos à pressa, envergonhadamente, atrás do pavilhão B, a rapariga dos nossos dias, enquanto o professor fan dos Pink Floyd aprova a coisa e nos deixava entrar na sala de aula já depois do último toque. Enfim, os Cats On Fire são bons para ter à lareira (quando chegar a altura de a acender), são bons para ouvir à chuva, ao sol, para levar para a praia ou para a Serra da Estrela, para enternecer ou extasiar, para dançar com a nossa amada, para recordar, porque recordar é viver e viver é um Sonho POP.

Vamos imediatamente ao que interessa: os Cats On Fire têm dois discos até ao momento, *The province Complains* (2007) e o mais recente, e alvo deste texto, *Our Temperance Movement*; estão interessados em construir canções pop perfeitas, daquelas de 3 minutos e alguns segundos; são finlandeses, mas constroem canções

pop de formato inglês; têm guitarras e lírica de fino recorte, inspirada pelos acontecimentos banais de um dia qualquer ou de todos os dias. Os Cats On Fire estão a marimbar-se para a estética conceptual dos seus discos, porque o que querem mesmo é conceber canções arrebatadoras, daquela (aparente) simplicidade belíssima a que os Smiths de Morrissey nos habituaram, o que conseguem, em abono da verdade, de forma exuberante e irrepreensível. Pronto, ok, confesso, estou apaixonado pela música dos Cats On Fire. Porque são bons músicos, porque me enchem a casa de nostalgia pop sem recorrer aos anos 80 ou 90 (se bem que devam mais às bandas de 80's do que de 90's), porque fazem uma pop moderna sem arriscarem muito (neste sentido deve haver muitos de vós que preferem o sentido de risco dos Dodos em *Visiter*) e não se dão nada mal com isso. No fundo, no meio de tudo isto, os Cats On Fire fazem canções, canções e mais canções sem grandes preocupações ou elaborações de ordem estética. Não é essa a onda deles. A onda deles é tocarem e cantarem para as nossas pernas e braços, para os nossos ouvidos, pois então, e para as nossas memórias do tempo do liceu em que beijávamos à pressa, envergonhadamente, atrás do pavilhão B, a rapariga dos nossos dias, enquanto o professor fan dos Pink Floyd aprova a coisa e nos deixava entrar na sala de aula já depois do último toque. Enfim, os Cats On Fire são bons para ter à lareira (quando chegar a altura de a acender), são bons para ouvir à chuva, ao sol, para levar para a praia ou para a Serra da Estrela, para enternecer ou extasiar, para dançar com a nossa amada, para recordar, porque recordar é viver e viver é um Sonho POP.

Vamos imediatamente ao que interessa: os Cats On Fire têm dois discos até ao momento, *The province Complains* (2007) e o mais recente, e alvo deste texto, *Our Temperance Movement*; estão interessados em construir canções pop perfeitas, daquelas de 3 minutos e alguns segundos; são finlandeses, mas constroem canções

pop de formato inglês; têm guitarras e lírica de fino recorte, inspirada pelos acontecimentos banais de um dia qualquer ou de todos os dias. Os Cats On Fire estão a marimbar-se para a estética conceptual dos seus discos, porque o que querem mesmo é conceber canções arrebatadoras, daquela (aparente) simplicidade belíssima a que os Smiths de Morrissey nos habituaram, o que conseguem, em abono da verdade, de forma exuberante e irrepreensível. Pronto, ok, confesso, estou apaixonado pela música dos Cats On Fire. Porque são bons músicos, porque me enchem a casa de nostalgia pop sem recorrer aos anos 80 ou 90 (se bem que devam mais às bandas de 80's do que de 90's), porque fazem uma pop moderna sem arriscarem muito (neste sentido deve haver muitos de vós que preferem o sentido de risco dos Dodos em *Visiter*) e não se dão nada mal com isso. No fundo, no meio de tudo isto, os Cats On Fire fazem canções, canções e mais canções sem grandes preocupações ou elaborações de ordem estética. Não é essa a onda deles. A onda deles é tocarem e cantarem para as nossas pernas e braços, para os nossos ouvidos, pois então, e para as nossas memórias do tempo do liceu em que beijávamos à